

SARS-CoV-2: saúde mental dos enfermeiros que atuam na linha de frente em um hospital federal do Rio de Janeiro

SARS-CoV-2: mental health of nurses who work on the frontline in a federal hospital in Rio de Janeiro

SARS-CoV-2: salud mental de enfermeros que trabajan en primera línea en un hospital federal en Río de Janeiro

Recebido: 29/03/2022 | Revisado: 26/04/2022 | Aceito: 07/09/2022 | Publicado: 15/09/2022

Anna Caroline Villela Guimarães

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6697-0868>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: annaguimaraes9@gmail.com

Flavia Lopes Rosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9424-9322>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: Flavia.roza@hotmail.com

Gleysson Coutinho Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0140-1151>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: gleysson1995@gmail.com

Natália Chantal Magalhães Da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1883-4313>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: natalia.c.silva@unirio.br

Taís Veronica Cardoso Vernaglia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3391-7301>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: tais.vernaglia@unirio.br

Resumo

Introdução: Estudos sobre o mecanismo de ação e a transmissibilidade do vírus da SARS-CoV-2, revelam que vivemos em um período de propagação de cepas modificadas. Em meio a este cenário, diferentes categorias profissionais, a exemplo dos enfermeiros se encontram na linha de frente de cuidado e envolvidos, diretamente, em situações que podem comprometer a saúde mental. **Objetivos:** Identificar os fatores relacionados à saúde mental dos enfermeiros que se encontram na linha de frente em um Hospital Federal do Rio de Janeiro no contexto da pandemia causada pelo SARS-CoV-2. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, realizada junto a 17 enfermeiros dos setores de trauma, terapia intensiva e enfermarias COVID. Foram realizadas entrevista semiestruturada e análise temática de conteúdo dos relatos sobre como entendiam a sua saúde mental no contexto da pandemia. **Resultados:** As enfermeiras relataram sobre as experiências vivenciadas durante a pandemia, as dificuldades em relação ao trabalho, como suas rotinas foram afetadas dentro e fora do ofício e como esse cenário desencadeou uma série de riscos para a saúde mental. **Conclusão:** Torna-se evidente a necessidade de mais estudos relativos ao tema, que possam promover pesquisas junto às instituições de saúde para que forneçam mecanismos que reduzam o impacto da pandemia pela SARS-CoV-2 à saúde mental do enfermeiro e de outros profissionais da enfermagem.

Palavras chaves: Saúde mental; SARS-CoV-2; Enfermagem; COVID-19.

Abstract

Introduction: Studies on the mechanism of action and transmissibility of the SARS-CoV-2 virus reveal that we live in a period of propagation of modified strains. In the midst of this scenario, different professional categories, such as nurses, are on the front line of care and are directly involved in situations that can compromise mental health. in the units intended for the semi-intensive and intensive treatment of the contaminated population. **Objectives:** To identify factors related to the mental health of nurses who are on the front line at a Federal Hospital in Rio de Janeiro in the context of the pandemic caused by SARS-CoV-2. **Methodology:** This is an exploratory and descriptive field research, with a qualitative approach, carried out with 17 nurses from the trauma, intensive care and COVID wards of a Federal Hospital in Rio de Janeiro who work on the front line of care for the population contaminated by the SARS-CoV-2 virus. Semi-structured interviews and thematic content analysis of the reports were carried out on how they understood their mental health in the context of the pandemic.

Results: The nurses reported about the experiences they had during the pandemic, the difficulties in relation to work, how their routines were affected inside and outside of work and how this scenario triggered a series of risks for mental health **Conclusion:** There is an evident need for more studies on the subject, which can promote research with health institutions to provide mechanisms that reduce the impact of the SARS-CoV-2 pandemic on the mental health of nurses and other nursing professionals.

Keywords: Mental health; SARS-CoV-2; Nursing; COVID-19.

Resumen

Introducción: Los estudios sobre el mecanismo de acción y transmisibilidad del virus SARS-CoV-2 revelan que vivimos en un período de propagación de cepas modificadas. En medio de este escenario, diferentes categorías profesionales, como los enfermeros, están en la primera línea del cuidado y están directamente involucradas en situaciones que pueden comprometer la salud mental. en las unidades destinadas al tratamiento semi-intensivo e intensivo de la población contaminada. **Objetivos:** Identificar factores relacionados con la salud mental de los enfermeros que están en primera línea en un Hospital Federal de Río de Janeiro en el contexto de la pandemia provocada por el SARS-CoV-2 cuidados intensivos de personas contaminadas por el virus SARS-CoV-2. **Metodología:** Se trata de una investigación de campo, exploratoria y descriptiva, con abordaje cualitativo, realizada con 17 enfermeros de las salas de trauma, cuidados intensivos y COVID de un Hospital Federal de Río de Janeiro que actúan en la primera línea de atención a la población contaminada. por el virus SARS-CoV-2. Se realizaron entrevistas semiestructuradas y análisis de contenido temático de los relatos sobre cómo entendieron su salud mental en el contexto de la pandemia. **Resultados:** Los enfermeros relataron sobre las experiencias vividas durante la pandemia, las dificultades en relación al trabajo, cómo se vieron afectadas sus rutinas dentro y fuera del trabajo y cómo este escenario desencadenó una serie de riesgos para la salud mental **Conclusión:** Existe una necesidad evidente de más estudios sobre el tema, que puedan promover la investigación con las instituciones de salud para proporcionar mecanismos que reduzcan el impacto de la pandemia del SARS-CoV-2 en la salud mental de las enfermeras y otros profesionales de enfermería.

Palabras clave: Salud mental; SARS-CoV-2; Enfermería; COVID-19.

1. Introdução

No Brasil, até março de 2022, 29.641.594 casos de contaminação pelo vírus da SARS-CoV-2 foram confirmados e, dentre estes, 657.302 óbitos (Ministério da Saúde, 2022).

As cepas se revelaram de letalidade baixa comparada a outros vírus, mas com a velocidade de propagação elevada. Mediante todas as medidas de proteção adotadas, o sistema de saúde brasileiro evidenciou ao longo da pandemia uma sobrecarga no sistema de saúde deixando o seu funcionamento deficitário. Associado a isso, houve um aumento da taxa de mortalidade, não somente pela agressividade do vírus, mas também pelo atendimento inadequado ou falta de absorção de pacientes considerados graves pela unidade de saúde (Aquino, et al., 2020)

Neste momento, vivemos na maior parte dos estados e municípios, um cenário de relaxamento das medidas de segurança, como por exemplo a liberação do uso de máscaras em ambientes abertos e fechados, liberação de eventos, e retorno das atividades presenciais nas escolas. Medidas que foram adotadas como reflexo da abrangência vacinal da população em massa. No Brasil, 151,28 milhões de cidadãos estão vacinados com o esquema completo, ocupando o quarto lugar no ranking mundial (Ministério da Saúde, 2022).

Diferentes categorias profissionais têm se empenhado em trabalhar no atendimento desta população. Dentre estes profissionais de saúde, os enfermeiros, se encontram na linha de frente de cuidados em tratamento semi-intensivo e terapia intensiva. Entende-se como prudente a adoção do nível de cuidados intermediário para pacientes acometidos pelo SARS-CoV-2, tendo e vista ser uma patologia sobre a qual ainda se constrói o perfil clínico. Isso representa para a categoria de enfermagem a necessidade de cuidados de em média 6 horas por paciente, durante as 24 horas, compondo uma jornada de trabalho de até 44 horas semanais (COFEN, 2020).

Soma-se a este cenário uma saúde pública deficitária que sofre um desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS), fazendo com que muitos hospitais não tenham mão de obra suficiente e insumos básicos para prestar assistência de forma adequada e Equipamentos de Proteção Individual (EPI) suficientes para oferecer segurança à saúde dos seus funcionários (Fernandes, et al., 2020).

Desta forma, os profissionais que se encontram na linha de frente têm enfrentado uma situação de tamanha complexidade assistencial, gerencial e com consequências para sua saúde física e mental (Lima et al., 2020; LI et al., 2020). Viu-se a necessidade de averiguar como a pandemia causada pelo novo SARS-CoV-2, aliado à falta de insumos, as condições de trabalho, autocuidado, colegas contaminados e número crescente de óbitos pode ter afetado a saúde mental dos profissionais de enfermagem que lidam diretamente com a doença. (COFEN, 2020). Durante essa pandemia a enfermagem foi a classe profissional mais afetada, com mais de três mil infectados só no estado do Rio de Janeiro, fazendo com que ao longo do ano muitos profissionais se contaminaram pelo vírus, acarretando ao absenteísmo, desenvolvimento de comorbidades, surgimento de transtornos mentais, e até mesmo de evolução para óbito. (Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2020).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), os profissionais de enfermagem que estão na linha de frente ao enfrentamento o SARS-CoV-2 estão diretamente envolvidos com situações que podem levar ao risco de adoecimento, altos níveis de ansiedade, depressão, tentativas de suicídios, uso abusivo de álcool e outras drogas, estresse, fadiga e esgotamento profissional e o aumento de casos de síndrome de Burnout.

Desta forma os objetivos desta pesquisa são: Identificar os fatores relacionados à saúde mental dos enfermeiros que se encontram na linha de frente em um hospital federal do Rio de Janeiro no contexto da pandemia causada pelo SARS-CoV-2.

2. Metodologia

Pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, realizada em um Hospital Federal de grande porte e referência para pacientes com SARS-CoV-2 localizado no Rio de Janeiro. Os participantes foram 17 enfermeiros que atuavam nos setores de trauma, terapia intensiva e enfermarias COVID. Os seguintes critérios de inclusão foram adotados: ser maior de 18 anos, ter titulação de enfermeiro e estar assistindo aos pacientes acometidos pelo SARS-CoV-2. Como critério de exclusão foi considerado a indisponibilidade em concluir a entrevista.

Como ferramenta de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e observações dos participantes. Um roteiro de perfil sociocultural das entrevistas foi formulado pelos pesquisadores e continham perguntas sobre a rotina dos entrevistados junto à pacientes acometidos pela SARS-Cov 2, as relações e rotina afetadas pela pandemia, questionamentos sobre como a sua saúde mental e seus respectivos cuidados. Também foi possível conhecer a perspectiva dos entrevistados quanto ao trabalho realizado no hospital diante da pandemia.

As entrevistas foram gravadas em mídia digital (MP3) e depois transcritas na íntegra. Mantiveram-se os depoimentos e os discursos originais dos participantes, com signos ortográficos que sinalizaram as pausas, os silêncios, as entonações entre outras características do discurso verbal. Os clientes foram identificados pela letra E (enfermeiro), junto a números arábicos de modo que corresponda a ordem de realização das entrevistas. Desse modo, garantiu-se o anonimato dos participantes.

A coleta de dados ocorreu no período de dezembro de 2021 – após a aprovação do comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -UNIRIO (CAAE: 53149221.1.0000.5285; Parecer: 5.169.549) – em um consultório disponibilizado pelos enfermeiros dos setores.

A etapa de análise iniciou-se com a transcrição das narrativas, seguida da leitura e interpretação dos relatos e a definição de categorias. (Souza, 2020) Foram definidas as seguintes categorias de análise: estado do corpo, psicológico e de atividades. Para tanto, utilizou-se de um software de gerenciamento e exploração de dados qualitativos - Iramuteq. Foi adotado o ponto de saturação para definir o número de entrevistados.

3. Resultados

17 enfermeiras participaram do estudo. Destas, todas eram adultas jovens com idades entre 25 a 50 anos e a maioria

residia no Rio de Janeiro (n=15) e se autodeclarou parda ou negra (n=9). Quanto ao estado civil, 11 enfermeiras estavam solteiras ou separadas e 10 relataram possuir filhos. Em relação as jornadas de trabalho, a maioria apresentava mais de uma jornada (n=10), com regime de trabalho na forma de plantão (12 horas trabalhadas por 60 horas de descanso) (n=13), sendo o vínculo empregatício com o Ministério da Saúde o mais relatado (n=15).

3.1 O estado do corpo e estado psicológico

O estado do corpo descreve como as participantes manifestaram no seu corpo concreto, o medo de evidenciar sinais e sintomas da doença. Já o estado psicológico, demonstramos como manifestaram e seu corpo sintomas emocionais e como classificavam o seu estado mental.

Observou-se que todas as entrevistas apresentaram em comum o medo do desconhecido, pois pouco se sabia sobre o vírus, seu mecanismo de ação e as questões relativas ao tratamento. Apreensão e medo foram palavras utilizadas repetidas vezes pelas entrevistadas:

“Muito medo! Muito, muito, muito medo! Por que sou asmática!” (enfermeira 14).

“Eu fiquei muito assustada, porque na verdade a gente não sabia nada muito bem como se tratava, como cada organismo ia reagir” (Enfermeira 17).

O medo não estava apenas associado à saúde individual, mas estendia-se também aos familiares ou pessoas que residiam no mesmo local. Por vezes, o medo de contaminar os contatos próximos se sobressaía ao próprio medo de contaminar-se:

“...eu tive mais medo de passar pras pessoas que estavam ao meu redor do que o medo de evoluir da pior forma comigo mesmo...” (Enfermeira 1).

O medo de contaminar-se e contaminar outros, levava as enfermeiras questionarem a própria sanidade em relação as suas preocupações. E para lidar com esse sentimento permaneciam comportamentos de auto vigilância e de auto monitoramento, mesmo após um intenso dia de trabalho:

“Com medo de levar pra casa isso, com duas filhas, a mais nova com problema asmático, problema respiratório, então era um pouco de paranoia.” (Enfermeira 16).

“... tomava meu banho, ia pro quarto, me isolava e quando tava em casa no dia seguinte eu acordava bem cedo e ficava me olhando toda, via se tinha algum sintoma, alguma coisa, olhava garganta, botava termômetro, sentia o cheiro do café pra ver se eu estava com olfato, provava o café pra ver se estava com paladar e aí sim depois que eu falava com minha mãe minha filha.” (Enfermeira 3).

Devido aos diversos fatores estressantes ocasionados pelo cuidado direto às pessoas acometidas por COVID-19, as profissionais entrevistadas relataram consequências para a sua saúde física e mental:

“então a insônia, teve momentos d’eu ficar sem dormir pensando no paciente tal...”

“...os primeiros dias após o isolamento, sair de casa me causou um pouco de pânico e aí parecia que eu estava sentindo todos aqueles sintomas novamente né, por que eu ficava ansiosa ...” (Enfermeira 17).

“Começou me dar muita coceira, em um nível que parecia urticária, eu fui ao dermatologista e ele disse que não era nada.” (Enfermeira 13).

“Engordei bastante, o distanciamento com minha família me fez mal, minha cabeça ficava meio longe, aérea, e às vezes eu ficava meio depressiva.” (Enfermeira 12).

“Só depressão, ela me trouxe a depressão, logo depois eu consegui sair e ficar bem.” (Enfermeira 3).

As enfermeiras que integraram esta investigação referiram preocupação com elas e seus familiares durante todo o período compreendido entre o surgimento do SARS-CoV-2, a chegada do mesmo no Brasil e os picos das diferentes ondas. Também relataram sintomas físicos associados, tais como, insônia, ansiedade e crise de pânico.

3.2 O estado de atividades

O estado de atividades se refere à saúde que se expressa nas condições de trabalho e na disposição física de movimentar-se, trabalhar, estudar e realizar tarefas do cotidiano. Na rotina de trabalho, ficou evidente o sentimento de impotência das enfermeiras ao se depararem com pacientes instáveis, sem possibilidade de estabilização e evoluindo, muitas vezes, ao óbito. Soma-se a isso longas jornadas de trabalho, acrescidas à sobrecarga ocasionada pelo afastamento de diversos profissionais por contaminação.

“Poxa eu me senti impotente né! A gente se sente impotente com uma coisa que a gente não sabe como lidar, vê as pessoas morrer e não poder fazer muita coisa, ter que escolher o mais novo, o menos grave pra gente colocar em um tubo é bem complicado mesmo... Bem complicado... A gente sente.” (Enfermeira 7).

“como tudo era muito novo, então ainda havia, como hoje ainda, muita informação contraditória, a questão do próprio cuidado, você se organizava de um jeito, depois via por questão de falta de material você tinha que se virar em atuar de outras formas...” (Enfermeira 4).

“Eu me senti apreensiva porque era uma doença que a gente não sabia como tratar efetivamente, tudo era muito novo, tudo era uma descoberta, faltou muitos EPI's a gente não tinha uma forma de prevenção efetiva.” (Enfermeira 9).

Entretanto, o sentimento de resistência às adversidades esteve presente na fala das entrevistadas, que demonstraram abnegação de sua saúde em prol do seu trabalho. Muitas das vezes, havia o reconhecimento em ter deixado de lado a sua saúde mental em prol da saúde do outro.

“Foram poucos momentos até porque a gente tava nessa correria e por exemplo se eu não estivesse no meu plantão as vezes eu tinha que estar cobrindo o plantão do colega que tava infectado.” (Enfermeira 15).

“Eu acho que durante a pandemia a gente fica tão... é... com a adrenalina tão alta né, com o fator de cuidar, que a

gente quer cuidar de todo mundo, a gente quer ver todo mundo bem, a gente está perdendo amigos, a gente está perdendo todo mundo. Então você se coloca em uma posição de... profissional mesmo, em uma guerra, vamos colocar assim, que você não tem tempo pra se preocupar com você né.” (Enfermeira 6).

Diante dos mais diversos fatores e impedimentos, as entrevistadas não puderam ou não conseguiram cuidar de sua saúde mental. O sofrimento mental dessas enfermeiras foi ainda mais agravado pela ausência de convívio com seus entes queridos, em razão do risco de contaminação.

Apesar de tantos riscos e evidências de uma saúde mental debilitada, poucas entrevistadas se dispuseram a cuidar da sua saúde mental, seja com terapia, práticas integrativas e complementares ou fazendo uso de algum tipo de medicação. Algumas, por não darem a devida importância aos sinais e sintomas ou ainda, por sobrecarga de trabalho:

“Não. Eu não procurei. Fiquei sem tempo pra cuidar de mim, sempre cuidando das pessoas, eu fiquei sem tempo de cuidar de mim e isso está me afetando hoje em dia” (Enfermeira 7).

“Não, não cuidei. Deveria, mas não cuidei” (Enfermeira 4).

“Então nesse período, no período alvo mesmo da pandemia eu não cuidei, não cuidei. Depois que eu comecei a voltar às minhas atividades físicas, a começar a sair de novo foi quando eu comecei a melhorar. Mas procurei mesmo um psicólogo eu não fui, não procurei.” (Enfermeira 3).

Essa difícil escolha e os sentimentos envolvidos ficam evidentes quando indagadas sobre a mudança de rotina e nas relações interpessoais:

“Eu fiquei meses sem minha filha me abraçar e ela me cobrando por mais que ela tenha ciência aquilo me deprimia muito de não ter um abraço, de não ter um toque da minha filha (Voz embargada) toda vez que falo sobre isso me emociono, ao ponto dela chegar e perguntar pra mim quando ela poderia me abraçar novamente, aquele dia pra mim foi assim... Foi o auge....” (Enfermeira 16).

“Tem dois anos que eu não vejo os meus parentes, não vejo ninguém, não procuro ninguém, há dois anos eu não os vejo. Minha irmã faleceu e eu não fui ver ela...” (Enfermeira 7).

Nota-se, por meio dos discursos, que diante da possibilidade de contaminar entes queridos, as enfermeiras se abstiveram de coabitar em suas próprias residências e de conviver com familiares e amigos a fim de preservar a integridade física dos mesmos. Nessa perspectiva, pode-se observar o aumento no número de casos de adoecimento psíquico, em meio à ruptura e à fragilidade nas redes de apoio.

4. Discussão

O estudo apontou que a chegada do SARS-CoV-2 trouxe grande sofrimento mental aos enfermeiros por estarem diretamente ligados ao atendimento de casos do novo SARS-CoV-2. Como em outras pesquisas (Ramos, et al. 2020), as enfermeiras que participaram desta pesquisa vivenciaram situações estressoras adicionais àquelas já experienciadas nos serviços de saúde, a exemplo do medo e da insegurança.

Esse medo se intensificou quando os profissionais começaram a trabalhar diretamente com o vírus e com o aumento do número de casos, o que acentuou a preocupação de ser o transmissor dentre os familiares que residiam junto levando o mesmo ao afastamento de seus entes queridos. (Oliveira. et al. 2020). Sabe-se que privar as pessoas desse convívio aponta alta prevalência de efeitos psicológicos negativos. (Lima, 2020).

Estudos evidenciam que o distanciamento social pode ocasionar alguns tipos de mal-estar como sentimento de impotência, medo de morrer e adoecer, alteração de apetite e sono e levar ao consumo excessivo de álcool e outras drogas ilícitas. (Avila, et al. 2021)

Os autores de “A saúde mental do enfermeiro frente a pandemia COVID-19.” Obtiveram resultados similares o do presente estudo e concluíram que:

A possibilidade de contaminação com o novo coronavírus afastou os profissionais de suas famílias e do ambiente social (muitos se isolaram por medo de contaminar alguém). Esse cenário foi apontado pelos estudos que fizeram parte dessa pesquisa, e observou-se que o contexto da pandemia do novo coronavírus, desde os primeiros casos identificados, vem produzindo inúmeros sofrimentos mentais nos trabalhadores de saúde, sobretudo enfermeiros. (DRESCH, et al. 2020. p. 19)

Compreende-se que o sofrimento mental exerce reconhecidos efeitos negativos no cotidiano das pessoas e, em alguns casos, pode ser incapacitante, sendo seu agravo fator de risco para doenças crônicas e doenças virais (Barros; et al. 2020). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), “a saúde é um estado de bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”. Essa definição ampliou a noção de saúde incluindo aspectos físicos, mentais e sociais.

Consolidando esta discussão, o Conselho Federal de Enfermagem se posicionou em relação a saúde mental da equipe de enfermagem dizendo que “Os trabalhadores da saúde e da linha de frente foram muito prejudicados com o enfrentamento das altas demandas de trabalho, preconceitos e falta de informação.” (COFEN; 2021)

As condições de trabalho se mostraram mais um fator estressor importante para a saúde mental dos enfermeiros com base em um possível colapso na capacidade hospitalar e do sistema de saúde. No Brasil, as condições de trabalho no SUS sempre foram instáveis e com o pico da pandemia, a situação se tornou ainda mais precária com a escassez de equipamentos de proteção individual. Dentre as condições de trabalho citadas estão: limitações de leitos hospitalares, escassez de recursos humanos, materiais e dentre tantos outros elementos essenciais para o gerenciamento do surto. (Ramos, et al. 2020)

As longas jornadas de trabalho em um ritmo intenso, as demandas laborais elevadas, a inexistência ou inadequados locais para descanso e para refeições, os vínculos laborais frágeis, salários irrisórios, são fatores estressores responsáveis por desencadear sofrimento psíquico nos profissionais de saúde. (Huang L; et al. 2020.)

Os autores Souza et al (2021), concorda com essa discussão em seu estudo que discorre sobre a saúde mental da equipe de enfermagem o qual traz resultados similares ao presente estudo.

O estudo possibilitou refletir sobre o contexto de trabalho da enfermagem em que esses profissionais estão atuando há anos em condições precarizadas, com destaque para a escassez qualitativa e quantitativa de recursos material e humano, longas jornadas de trabalho, salários não condizentes com o nível de responsabilidade e relevância de suas atividades laborais, pouco reconhecimento profissional e social. Enfim, condições que já eram prejudiciais para a saúde mental dos trabalhadores e que tendem a se agravar com a pandemia em curso.

Corroborando com esta discussão, a organização Pan-Americana de saúde criou uma campanha nas mídias sociais para criar conscientização sobre a carga contínua que a pandemia de SARS-CoV representa para a saúde mental dos profissionais que estão na linha de frente, com o objetivo de promover a escuta e o diálogo para auxiliar gestores de saúde a tomar medidas que

ajudem os trabalhadores. (OPAS; 2021). Logo, a organização do trabalho também deve minimizar o sofrimento dos trabalhadores, seja por meio do diálogo, das condições necessárias para a execução das tarefas, promovendo melhorias nas relações de trabalho, oferecendo capacitações, melhorando as condições físicas do ambiente, as rotinas e auxiliando no tratamento da saúde física e psíquica. (Farias A.A.R. 2020). De modo semelhante, as autoridades devem atentar-se à necessidade ascendente de investimento para a proteção, prevenção e promoção da saúde mental dos enfermeiros que atuam no enfrentamento à SARS-Cov2.

Este tipo de cuidado compreende atitudes e responsabilidades com a vida, não somente de si, mas também do outro, e com a promoção da saúde, mobilizando para isso processos de subjetivação e também de ações e medidas que favoreçam o bem estar biopsicossocial de si mesmo e das pessoas em seu entorno. (Silva Jr E. J. et al. 2020)

5. Conclusão

A partir dos resultados deste estudo conclui-se que o distanciamento social, o cenário deficiente da saúde pública, a falta de reconhecimento profissional somado aos inúmeros vitimados do SARS-CoV-2 tem acarretado um grande peso psicológico e representando um fator de risco eminente para a saúde mental dos enfermeiros no contexto pandêmico, em algumas das entrevistas realizada em um Hospital Federal do Rio de Janeiro trazem falas alarmantes de sinais de sofrimento psíquico por parte das enfermeiras. Para mitigar a atual situação instituições de saúde vêm trazendo tímidas iniciativas como forma de apoio psicossocial prestado a esses trabalhadores; contudo, não abrangem a totalidade dos profissionais de enfermagem envolvidos na linha de frente.

Dessa forma torna-se evidente a necessidade de estudos relativos ao tema, que forneçam evidências e mecanismos capazes de reduzir o impacto da pandemia pela SARS-CoV-2 na saúde mental de enfermeiros e demais profissionais de saúde e sirva de acervo para que em outros momentos similares a ciência tenha conhecimento ampliado sobre a proteção e recuperação da saúde mental.

Referências

- Albuquerque, C. G., Costa, M. A., Curi, R. L. C., Krause, C., Lui, L., Santos, R. M., & Tavares, S. R. (2020) Nota Técnica n. 15 (Dirur): Apontamentos sobre a dimensão territorial da pandemia da Covid-19 e os fatores que contribuem para aumentar a vulnerabilidade socioespacial nas unidades de desenvolvimento humano de áreas metropolitanas brasileiras – IPEA. Dirur, Brasília, p.59
- Aquino, E. M. L., Silveira, I. H., Pescarini, J. M., Aquino, R., Sousa-Filho, J. A., Rocha, A. S., Ferreira, A., Teixeira, C., Machado, D. B., Paixão, E., & Alves, F. J. O. (2020) Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil – Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 25(1). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>.
- Ávila, E. F. (2021) Saúde mental na atenção básica em tempos de Covid-19: relato de experiência com adolescentes e jovens. Manancial Repositório digital da UFSM, Santa Maria-RS. https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/20979/TCCE_RMISMSPS_2021_AVILA_EVELISEN.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Batista, E. C., Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2019) A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, 11(3), 23-38, TRI III 2017. ISSN 1980-7031. <https://www.researchgate.net/publication/331008193_A_ENTREVISTA_COMO_TECNICA_DE_INVESTIGACAO_NA_PESQUISA_QUALITATIVA/link/5c60dfb0299bf1d14cbb4aef/download>.
- Barros, M. B. A., et al. (2020) Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 29(4), e2020427. <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400021&lng=pt&nrm=iso>. Epub 20-Ago-2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000400018>
- Brasil. Ministério da Saúde (MS). (2020). Painel Coronavírus Brasília: MS; Acesso em 22/03/2022. <https://covid.saude.gov.br/>
- Brasil, Ministério da Saúde. (2021) BRASIL #PATRIA VACINADA. Vacinação. <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/>. Acesso em 24/03/2022.
- Castro, R. R., Cestari, V. R. F., Cordeiro, L. I., Damasceno, L. L. V., Florêncio, R. S., Garces, T. S., Maranhão, T. A., Moreira, T. M. M., Pereira, M. L. D., Pessoa, V. L. M. P., Sousa, G. J. B. (2021) Vulnerabilidade social e incidência de COVID-19 em uma metrópole brasileira – Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 23(3), 1024. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021263.42372020>
- Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). (2020) Enfermagem em números – Quantitativo de profissionais por regional. [Internet]. <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>.

Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). (2020) Cancelamento de compra de EPIS preocupa o Cofen. [Internet]. [acesso em 17 abr 2020]. http://www.cofen.gov.br/cancelamento-decompra-de-epis-preocupa-o-cofen_78598.html.

Farias, A. A. R., Cardoso, L. S., Silva, J. J. S., Sant'Anna, C. F., Lima, J. M., & Cezar-Vaz, M. R. (2019) The Health of Nursing Professionals: Reviewing Health Promotion Strategies. *Rev Pesqui (Univ Fed Estado Rio J, Online)*;11(3):828-835. 10.9789/2175-5361. 2019.v11i3.828-835.

Fernandes, G. A. A. L. e P., & Satirino, B. L. (2020) Os desafios do financiamento do enfrentamento à COVID-19 no SUS dentro do pacto federativo. *Revista de Administração Pública [online]*. 54(4) [Acessado 14 abril 2022], pp. 595-613. <<https://doi.org/10.1590/0034-761220200290>> <https://doi.org/10.1590/0034-761220200290>. Epub 28 Ago 2020. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200290>.

Gaino, L. V, et al. (2018) O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo*. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)*, Ribeirão Preto, 14(2), 108-116. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000200007&lng=pt&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.149449>.

Huang, L., Lin, G., Tang, L., Yu, L., & Zhou, Z. (2020) Special attention to nurses' protection during the COVID-19 epidemic. *Crit Care*. 24(1):120. <https://doi.org/10.1186/s13054-020-2841-7>.

Lima, R. C. (2020) Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]*. 2020, 30(02), e300214. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300214>.

Lima, C. K. T., Carvalho, P. M., Lima, I. A. A. S., Nunes, J. V. A. O., Saraiva, J. S., Souza, R. I., Silva, C. G. L., & Neto, M. L. R. (2020) O impacto emocional do Coronavírus 2019-nCoV (nova doença de Coronavírus). *Pesquisa em Psiquiatria*, 287, <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165178120305163>>.

Lipp, M. E. N. (1996) Estresse: conceitos básicos. In: Lipp M.E.N. *Pesquisas sobre estresses no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas (SP): Papirus;

Medidas Para O Enfrentamento Da Emergência De Saúde Pública De Importância Internacional Decorrente Do Novo Coronavírus No Âmbito Do Município Do Rio De Janeiro. Decreto nº 47246, de 12 de março de 2021. RIO DE JANEIRO. [S. 1.], 12 mar. 2021. <http://smaonline.rio.rj.gov.br/legis_consulta/609999DECRETO%20RIO%2047246_2020.pdf>.

Oliveira, A. C., Lucas, T. C., & Iquiapaza, R. A. (2020) What has the Covid-19 pandemic taught us about adopting preventive measures? *Texto & Contexto Enferm.*;29:e20200106. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE2020-0106>.

Oliveira, C. D. (2008) Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Rev. Enferm. UERJ, Rio de Janeiro*. Out/dez. 16(4):569-76. P569. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-512081>.

Polit, D. F., & Beck, C. T. (2011) *Fundamentos da pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática de enfermagem*. (7ª ed.): ArtMed;

Ramos-Toescher, A. M., et al. (2020) Saúde mental de profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19: recursos de apoio. *Escola Anna Nery [online]*, 24, n. spe [acessado 10 março 2022], e20200276. <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0276>>. Epub 19 Out 2020. ISSN 2177-9465. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0276>.

Reis, P. P. L. A., Fernandes, P. R. S., Gomes, F. A. (2010) Estresse e fatores psicossociais. *Psicol. cienc. prof., Brasília*, 30(4), 712-725. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000400004#:~:text=Fatores%20Psicossociais%20No%20Trabalho&text=Inclui%2C%20entre%20os%20principais%20fatores, trabalho%20e%20as%20rela%C3%A7%C3%B5es%20humanas.>

Silva Jr, E. J., Balsanelli, A. P., & Neves, V. R. (2020) Care of the self in the daily living of nurses: an integrative review. *Rev Bras Enferm.* [citado em 2020 set 29];73(2):e20180668. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0668>.

Soares, C. B., Peduzzi, M., & Costa, M. V. (2020) Nursing workers: Covid-19 pandemic and social inequalities. *Rev Esc Enferm USP*. 54:e03599. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2020ed0203599>.

Souza, J. R., Santo, S. C. M. (2020) Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: Modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora: UFJF*, 10(2), 1396-1416. ISSN 2237-944. <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

VARIANTE ÔMICRON: siga em tempo real o número de casos e mortes por covid -19 no mundo. *Opera Mundi*, 2020. <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/63574/variante-omicron-siga-em-tempo-real-o-numero-de-casos-e-mortes-por-covid-19-no-mundo>.

World Health Organization (WHO). (2020) Actualización de la estrategia frente a la COVID-19. Geneva: WHO; [acesso em 28 abr 2020]. https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/COVID-strategy-update-14april2020.pdf?sfvrsn=29da3ba0_19.